

L
1384/130

1324

93

EPITHALAMIO

EM OS FELICISSIMOS DESPOSORIOS

DO SENHOR

D. FRANCISCO XAVIER

JOSEPH DE MENESES

CONDE DA ERICEYRA,

COM A EXCELLENTISSIMA SENHORA

DONA JOANNA

DE NORONHA,

FILHA DOS SENHORES

Condes de Sarzedas.

ESCREVE-O

JOSEPH CORREA DE BRITTO.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL,

Impressor do Santo Officio.

M. DC. LXXXVIII.

Com todas as licenças necessarias.

35 3335

14

BRITANNIA

REI REGNIQUE BRITANNIAE

GEORGIUS TERTIUS

PER BRITANNIAE REGEM

JOSEPHUM CORREIA DE BRITTO

CONDIDIT

COM AGRICULTURA

DOMINA JUANA

DE MORGONIA

FILIA ALEXANDRI

CONDIDIT

CONDIDIT

JOSEPHUM CORREIA DE BRITTO



LISBOA

Na Officina de MIGUEL MANSOUR

Impressor do Santo Officio

M. DC. LXXXVIII

Com todos os direitos reservados



DEDICATORIA.



*Mocasiãõ taõ esperada dos nossos dese-
jos, & taõ celebrada dos nossos applau-
sos, que penna havia de haver, que mais
anticipadamente voasse a essa esfera so-
berana dos merecimentos de V. S. que
a minha? Assim porque se anima ao alẽ-
to de seus favores, como porque se ilustra com descrever
as suas Excellencias.*

*Rasaõ era, que quem foi sempre o primeiro nos af-
fectos, naõ esperasse a ser segundo nos applausos. E assim
lembrado, de que na mais tenra idade de V. S. lhe pro-
metti celebrar com hum Epithalamio o seu feliz despo-
sorio; quero ao menos, que suppraõ os acertos da pontua-
lidade os erros da experiencia. Se parecer bem nesse Mu-
seo de Nobresa, ser a milagre da minha vontade; se mal,
desgraça do meu atrevimento; & sempre aceitar a V. S.
a humildade da dadiua, sem reparar na qualidade da
offerta. Deos guarde a V. S. nesse ditoso Thalamo as
idades do seu desejo.*

Seu mais humilde criado

JOSEPH CORREA DE BRITTO.



DEDICATORIA.

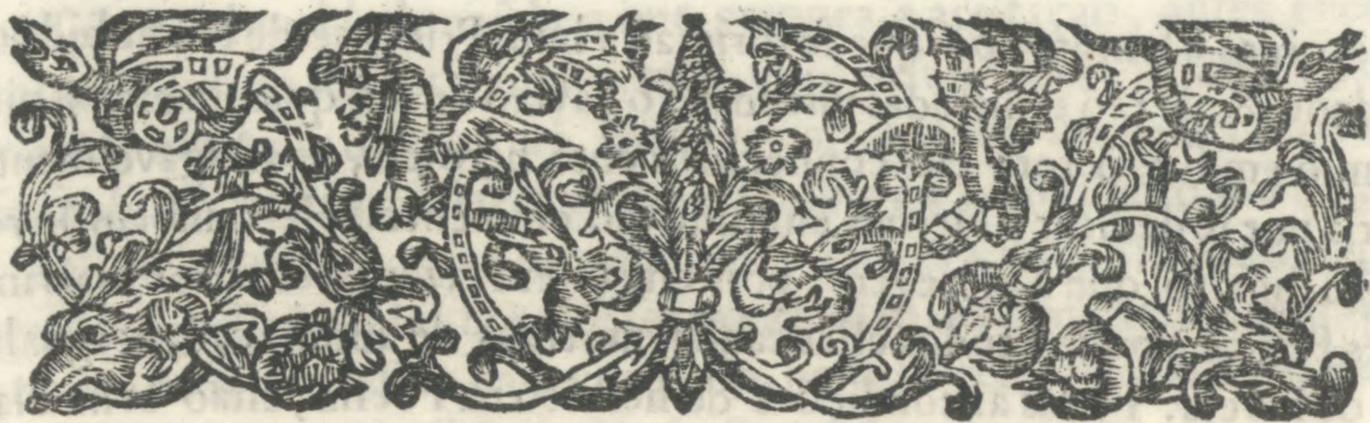
to de seus favores, como por que se illustre a com heceteros
a vinda? Assim por que se antia no de-
a vinda dos mercaderes de N. S. que
anticipadamente corre a esta este se-
os que porna de vir de parat, que mais
as. E to celebre dos nosos applan-
Mocessant ne spercha dos nosos de-



idades do seu desejo.
offerta. Deus guarde a N. S. esse ditoso Thalamo as
a humildade da dadia, sem reparar na qualidade da
degraca do meu atreuimento; E sempre acitara N. S.
seu de Nobreza, seu milagre da minha vontade; se me
libade os erros da experiencia. Se parecer bem neste Mu-
fario; quero no menos, que supere os acertos da pontua-
mesti celebre ar com hum Epitaphario o seu feliz despo-
tembrado, de que no mais terra idade de N. S. the pro-
fectos, mas esperasse a ser seu filho nos applausos. E assim
Rasão era, que quem foi sempre o primicio nos af-
as suas Excellencias.

Seu mais humilde criado

JOSEPH CORREA DE BRITTO.



L I C E N C I A S .

A P P R O V A Ç A M .

LI este Epithalamio, escrito por Joseph Correa de Britto, & muy repetidas vezes o lera, por ser obra, á qual me parece quadra melhor do que a outra, q̄ deste genero avaliou Horacio por excessivamente plausivel, aquelle gabo:

Hæc placuit semel, hæc decies repetita placebit.

Naõ encontrei nelle cousa alguma, que por repugnar á nossa Santa Fé, ou bons costumes, merecesse nota. E sendo esta approvaçãõ devida ao serio, & modesto, com que o Author compoz este Epithalamio, naõ se satisfaz a minha censura só com esta approvaçãõ. Pelo que demais digo, que he taõ merecedor de se dar á emprenta, que se lhe fiserá injuria grande, quando houvera omiffaõ alguma em se imprimir. Naõ sò com os deleveis caracteres, que agora se estilaõ, mas com os indeleveis, que antiguamente usávaõ os Romanos, os Gregos, & os Lacedemonios, se deviaõ exarar estes cantos, porque saõ obra, em que concorrem todos os attributos, & qualidades, que a semelhantes Poemas constituem de todo extremadas; por quanto no elevado do conceito competem com as de Homero; no valente do verso, com as do Mantuano; no terço da fraze, com as de Pindaro; no culto da discriçaõ, com as de Lucano; no discreto do dizer, com as de Ovidio; no agradavel do discorrer, com as de Juvenal. Heroica por todos os titulos he esta obra: he heroica em si pelo methodo; he heroica pelos objectos, a que se dirige; pois no esclarecido do sangue, basta dizer, que saõ Meneses, & Noronhas, para se admirarem por excellentissimos Heroes; no accumulado das prendas, & relevante dos dotes, basta saberse, que saõ Ericeiras, & Sarzedas, para por singularissimos Heroes se venerarem. Se lá antiguamente em Roma dizia certo Orador, que as obras offerecidas a Trajano (quando naõ fossem por outro motivo famosamente

Heroicas) sempre , porque se dirigiaõ a hum Principe de taõ subida qualidade, & de taõ esmeradas virtudes , o haviaõ de ser, quando este Epithalamio em si naõ fora taõ conhecidamente heroico , irrefragavelmente o feria por se dedicar a Heroes em tudo taõ eminentes. He tambem heroica pelo sугeito, que a escreveo ; pois este (sem fazer offensa aos mais insignes Poetas) pôde a todos elles causar motivos de admiraçaõ, & igualmente de inveja. Todas as condições de heroico na Poesia , estaõ avinculadas ao Author : de sorte , que a elle na realidade compete aquelle abono, que a outrem (naõ sei se competindolhe de veras) deu Horacio :

*Nec facundia deserit hunc ,
Nec lucidus ordo.*

Se fora verdadeiro, assim como he fabuloso , o que de Apollo differaõ alguns antigos ; & vem a ser, que este Coryptheo da Sabedoria, aos que desejava lograssem os braços de insignes Poetas , cingia com a correa do seu cinto , differa eu, que a Correa com que por timbre se cinge o Author, fora tirada , ou cortada do cinto de Apollo. Naõ direi como dizia Ovidio, que só as poesias augmentaõ aos Authores a fama , & que só ellas lhes seguraõ as dittas :

Carmina sola beant, ———

Sola addunt carmina famam,

Mas bem posso dizer, que (quando outras obras naõ acclamáraõ a este Author por feliz, & afamado) só os versos deste Epithalamio lhe podiaõ afiançar as fortunas , & eternizar a fama :

Carmina sola beant, ———

Carmina quam tribuunt, fama perennis erit.

Se Alexandre mandou guardar em hum thesouro (como se fora a mais estimavel joya) as obras de Homero , bem pôdem os dous Heroes , em cuja lisonja he composto este Compendio (sem que façãõ a mayor finesa) mandar resguardar em os archivos das suas profapias estes cantos , porque merecem do seu agrado o mais encarecido apreço. Finalmente, hũa censura ponho a este Epithalamio , que sendo no nome censura, he em si o mais exagerado encomio. Perguntados varios Academicos de Athenas, sobre que lhes parecia acerca das obras de Pindaro, depois de dadas diversas respostas, todas em applauso de seus escriptos, disse hum, que só elle lhe havia de dar louvor, com que cabalmente ficassem abonadas ; satis fez a promessa, & ficáraõ as obras satisfeitas, porque rompeo nesta sentença, ou lhe poz esta censura: *Quia brevia mihi non satisfaciunt, si extensa, & plusquam prolixiora forent, mihi adæquatè placerent.* Adagio he bem accito: *Esto brevis, & placebis* ; mas agora se conhecerá, que sómente he adagio, & que naõ pôde ser proloquio, pois quando as obras, ou os escriptos saõ adequadamente perfectos,

perfeitos, a brevidade não he a que grangea a aceitação, antes encontra aplausibilidade mayor; muito mais applaudido fora este Epithalamio, se o Author nelle deixára taõ livres as correntes da sua penna, como são fecundos os partos do seu engenho; & assim na recopilação lhe descubro a censura; se bem, como nos demaes volumes a extensão lhe diminue o agrado por aborrecida, & neste seja a extensão desejada por agradável, o que nos mais he censura para vituperio, neste he censura para total louvor. Lisboa Convento do Carmo 17. de Settembro de 1688.

Frey Manoel da Graça.

A P P R O V A Ç A M.

Lio papel de que faz menção a petição acima, & não tem cousa contra nossa Santa Fé, ou bons costumes. S. Domingos de Lisboa 22. de Settembro de 1688.

Frey Gonçalo do Crato.

D O S A N T O O F F I C I O.

Vistas as informações, pôde-se imprimir o Epithalamio de que esta petição faz menção, & depois de impresso tornarà para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá. Lisboa 24. de Settembro de 1688.

*Jeronymo Soares.
Bento de Beja de Noronha.
Fr. Vicente de Santo Thomás.*

*João da Costa Pimenta.
Pedro de Ataide de Castro.
Estevaõ de Britto Foyos.*

João de Azevedo.

D O O R D I N A R I O.

POde-se imprimir o Epithalamio de que a petição faz menção, & depois tornarà para se conferir, & dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 27. de Settembro de 1688.

Serraõ.

DO

D O D E S E M B A R G O D O P A Ç O .

Que se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario; & depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, & taxar, & sem isso não correrá. Lisboa 28. de Setembro de 1688.

Lamprea. Marchão. Ribeyro.

Se fora verdadeiro, assim como se fingiu, que a obra de A. P. R. O. V. A. C. A. M. I. o padre de que se menciona a petição acima, & não tem coisa com a nossa Santa Fé, ou boas costuras. 2. Domingos de Lisboa 22.

D O S A N T O O F F I C I O
Vistas as informações, sobre se imprimiu o Epitaphio de que se menciona a petição acima, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que vouta, & sem ella não correrá. Lisboa 24. de Set.

D O R. D. N. A. R. T. I. O .
Que se imprimiu o Epitaphio de que se menciona a petição acima, & sem ella não correrá. Lisboa 27. de Setembro de 1688.



EPITHALAMIO

CANTO UNICO.

1.



AS puertas abre del Alcaçar puro
La matutina luz, que el Orbe baña,
Véciendo el ceño del tumulto obscuro,
Que contra etherea luz sale a campaña ;
Anuncio hermoso a su splendor futuro
Viene la Aurora, y con su luz estraña
Huyen temiendo tantas luzes bellas
Exercitos de sombras, y de Estrellas.

2.



RIENDO sale, y quasi macilenta
Del largo sueño de la noche fria
Empieça a ser dudosa, y soñolienta
Precursora del Sol, prologo al Dia :
La tierna Flor, que apenas vive, alienta,
La Perla hermosa, que se esconde, cria,
Concediendo en acciones singulares,
Vida a las flores, credito a los mares.

Respira

3.

RESPIRA el Aura con aliento breve
 Entre las hojas, que menea blanda;
 Y el pobre arroyo, mercader de nieve,
 Crystal deshecho a los peñascos manda:
 Laavecilla a bolar aun no se atreve;
 La fiera ruge, que en los montes anda;
 Y el ruyfeñor, que amores defafia,
 Templafu mal, oyendo fu harmonia.

4.

LA flor, que figue el Astro luminoso,
 Ancia de Amor al mundo celebrada,
 Yà seguia la luz de un poderoso
 Con rason bien quexofa, y mal pagada:
 Mirava al Sol aquel Jacinto hermoso,
 Que tuvo yà fu voluntad prendada,
 Quando Zefiro causa fus desvelos,
 Que el ayre basta a fomentar los zelos.

5.

ABRIO' fu esfera en este tiempo aquella
 Hija del Mar, que por Deidad se aclama,
 Perla divina, que la concha sella,
 Incendio hermoso, que aun el mar inflama:
 Deidad de Amor, que para ser Estella,
 Del Cielo aprende luz, del fuego llama,
 Madre de aquella ancia tan precisa,
 Que a un tiépo halaga, y a un tiépo martyriza.
 Sobre

6.

SO BRE trono de excelsa Architectura
 La Cytherea estava colocada,
 Cupidos mil rodean su hermosura,
 Porque de Amores viva celebrada:
 Y como en su region hermosa, y pura
 Es Reyna de las Gracias aclamada,
 Solo Amores seran sus consejeros,
 Que intereffados son, y lisongeros.

7.

BLANDOS suspiros por el ayre vano
 Eran de su Deidad aclamaciones,
 Y a su culto supremo, y soberano
 Victimas los Amantes coraçones:
 Pendientes de su hermosa, y blanca mano
 De Amor tenia injustos los harpones,
 Por cuyas puntas fieras, y subtiles
 Hercules hila, y se disfraça Aquiles.

8.

MIRAVA hermosa de su trono altivo,
 Y no via el Amor, con que afligida
 Dudava que ocasion, ò que motivo
 Pudo obligarle a ausencia tan sentida:
 Bien entendió su ingenio discursivo,
 Bien conoció su pena encarecida,
 Que el Hado contra Amor dava sentencia,
 Pues muere siempre a manos de la ausencia.

Donde

9.



O N D E el Amor se fue, donde el engaño
 (Dixo entonces la celebre Ericina,
 Que al alma obliga a procurar el daño,
 Y engaña al bien, mientras al mal inclina)
 Donde se ha ido aquel incendio extraño,
 Que tanto estrago al mundo le fulmina,
 Desde que al orbe con fingido halago
 Vino por ser aumento, y ser estrago?

10.



E entre mis braços falta el Dios Cupido,
 Dexandome a mi Amor en tal rezelo,
 Pues temo, que los zelos le han cogido,
 Infiernos fuyos, con color de Cielo:
 Yo, en quien el Amor desvelo ha sido,
 El faltarme el Amor es mi desvelo,
 Pues temo que padesca un grave daño
 Si encuentra la rason, o el desengaño.

11.



O N D E pretende hallarle mi cuidado?
 Donde buscarle quiere mi sentido,
 Si jamás pudo verse bien hallado,
 El Amor, que una vez se viò perdido?
 Si la fortuna lo tendrá arrastrado,
 O' el desseo lo lleva persuadido,
 Que al Amor, que a la fuerte no repugna,
 Mueve el desseo, arrastra la fortuna.

Si

12.

SI en suspiros le busco por el viento,
 En vano son mis ancias, y clamores;
 Porque del fuego busca el elemento
 Como aula, donde estudia sus rigores:
 Si en el agua, que fue mi nacimiento
 Busco el Amor, ignoro sus ardores,
 Que el fino Amor no busca ningun medio,
 Pues màs estima el daño, que el remedio.

13.

AY de mi, que en mis penas no fofiego!
 Pues siente con razon oy mi cariño,
 Que lo que Amor errare como Ciego,
 Emendarlo no puede como Niño:
 Pero como, fies Dios, como me entrego
 Tanto al pezar, como el alivio riño?
 Mas ay, que poco culto condecòra
 Un Dios, que engaña, una Deidad, que ignora!

14.

SU quexa suspendiò la Diofa, quando
 Esse Rey bolador, esse Dios ciego
 A sus pies llega inquieto; y vacilando,
 Que en Amor es improprio haver fofiego:
 Venus, que lo mirò, ya preguntando
 Iva la causa de su ausencia luego,
 Quando el que rompe el coraçon màs fuerte,
 Sus dudas quita, y dize desta fuerte:

B

Bella

15.



ELLA Madre de Amor, divina Diosa,
 Hija del Mar, por perla peregrina,
 Tu, que eres sacra Estrella luminosa,
 Que de Amor los efectos vaticina;
 Tu, que eres en el mundo poderosa,
 Pues todo la hermosura lo domina;
 Digalo el Joven, que te diò amoroso
 D'esse metal de Ofir el pomo hermoso.

16.



O a herir, no a avassallar pechos humanos
 Baxè de mis altissimos trofeos;
 No a fomentar afectos tan villanos,
 Que cifren la fineza en los deseos:
 A ocasionar Amores soberanos,
 Y a conferir dulcissimos empleos
 Baxè desde mis siempre ethereas salas,
 Y el pensamiento me prestò màs alas.

17.



Un Joven bello, cuya edad luciente,
 Como el Sol, que de rayos se appellida,
 Que empieça luego en su primer oriente
 A ilustrar el progreso de su vida:
 A un Joven digo, que al primer viviente
 Esplendor de su luz esclarecida
 Nasciò como el Planeta luminoso,
 Que empieça en breve luz, y es rayo hermoso.

Una

18.

VNA herida le di tan dulce, y fuerte,
 Que al sentir el impulso de mis tiros
 Temió la vida, y quiso huir la muerte,
 Y assi se iba saliendo en los suspiros:
 Però como el rigor a buena fuerte
 Se encaminava por dichosos gyros,
 Fue tal, que no procura su tormento
 Màs salud, que su fino sentimiento.

19.

POR sus poros apenas desatado
 Siente el Joven dulcissimo veneno,
 Quando se desconoce enamorado,
 Busca-se fuyo, y quiere hallarse ageno:
 Su coraçon gimiendo atormentado,
 De confusion, y de alegria lleno;
 Entre estos dos afectos no sabia
 Qual es la confusion, qual la alegria.

20.

PRUEVA a quejarse, mas la voz se añuda
 En un silencio honesto, y reverente,
 El ancia quiere hablar, y se halla muda,
 Quiere el alma sentir, y apenas siente:
 La esperança pelea con la duda,
 La vida està penando indiferente,
 Y el coraçon, que aquestas penas llora,
 Sabe sentir, mas lo que siente ignora.

21.



URBADO, y solo busca el alvedrio,
 Y halla la fugecion su pecho amante,
 Y el que ayer se juzgava un Alpe frio,
 Etna es de Amor en llamas vacilante:
 Si haze a su pensamiento ni un desvio,
 Ya se le pone su passion delante;
 Y en este siempre repetido engaño
 Huye su mal, y encuentra con su daño.

22.



USPIRA un poco; però a su tormento
 Màs aviva el ardor, y màs le inflama,
 Que en su pecho encendi fuego violento,
 Y el viento siempre acrescentò la llama;
 Desconoce su proprio entendimiento,
 Clama a los Cielos, pero en vano clama,
 Si a sus luzes destina su querella,
 Que el Cielo le matò de JUANA bella.

23.



ASyà es forçoso, que el Amor, que ha sido
 Mejor pincel para qualquier traslado,
 Pinte sus perfecciones advertido,
 Y retrate sus partes admirado;
 Si la embidia no ofusca tu sentido,
 Oye, Madre, el dibuxo celebrado,
 A cuyos siempre celebres reflexos
 El Sol es sombra, y las Estrellas lexos.

24.

SU pelo hermoso a un solo pensamiento
 Es tempestad en ondas dividido,
 Que el aura mueve en blando movimiento,
 Porque çoçobre un coraçon rendido:
 Dexa al deseo de mirar sediento
 Sobre el crystal peynandose esparcido,
 Pues cubre, dividiendo sus raudales,
 Con golfos de oro campos de crytales.

25.

SU frente bella es campo crystalino,
 Adonde con suprema architectura
 Arcos triunfales del metal mas fino
 Erige a sus triunfos la hermosura;
 Si fuera permitido a mi destino
 Ser Prometheo de su luz tan pura,
 Màs libertades fueran mis fugetas,
 Si pufiera en sus arcos mis faetas.

26.

SON sus ojos tan bellos, son tan claros,
 Que deste Cielo felizmente hermoso
 Dos astros bellos son, dos astros raros,
 Que pronostican dichas a su Esposo;
 No siendo nunca en su esplendor avaros,
 Hazen a quien los mira venturoso;
 Si a quien los mira dan tanta ventura,
 Que haràn a quien posee su hermosura?

Oh

27.

Quanto admira su mexilla hermosa,
 Si al nacar, si al crystal a un tiempo deve
 Ser guerra singular de nieve, y rosa
 Para fer bella union de rosa, y nieve!
 Su boca apenas muestra vergonçosa
 Pequeñas perlas en su concha breve,
 Y tan mal sus riquezas significa,
 Que esconde avara lo que oculta rica.

28.

En su garganta un globo crystalino
 Parece(ô Madre)q̄ en sus hombros veo,
 Sino Plus ultra del crystal más fino,
 Donde a más no pasàra mi deseo;
 Su talle es tan estrecho, que imagino
 Que si pirata a su hermosura creo,
 Alli a las vidas le pondrà mil laços
 Del mar de la hermosura entre los braços.

29.

De sus manos harè concepto breve,
 Viendo que si a la vista las dilata,
 Està en su mano deslufir la nieve,
 Y fue a su mano a enriquecer la plata;
 Si acaso ayrosa, si ingeniosa mueve
 Los dies estoques, con que a todos mata,
 Siendo piloto el dedo, que la llega,
 La aguja mares de cambray navega.

El.

30.

LJoven, que la quiere, ô Madre mia,
 Dexame relatar sus perfecciones,
 Si aun el Amor tuviesse fantasia
 Para tan soberanas atenciones;
 Aun su voz balbuciente no sabia
 Explicar claramente las dicciones,
 Y ya su raro estylo tan discreto
 Todo era suspension, todo concepto.

31.

A vida apenas hubo dilatado
 Pocos gyros del Sol, allà en su esfera,
 Quando a la edad el Juizio anticipado,
 Altamente describe, y considera;
 Parece que la voz, con que arrullado
 Fue, doctrina le diò clara, y sincera,
 Siendo en sus conocidas maravillas,
 Aula la cuna, y libros las mantillas.

32.

YA la edad los alientos acompaña,
 Quando sediento el Joven pretendia
 Agotar el crystal, que el alma baña
 De Idea, de Concepto, y Fantasia;
 Y fue de suerte esta su sed estraña,
 Que al mitigarse en la corriente fria,
 Toda el agua agotò, que quiso Apolo
 Que toda la bebiesse el Joven solo.

Su

33.



U modestia compite a su nobleza,
 Sin que en su coraçon formasse duelo
 Essa infernal, essa villana Alteza,
 Que quiso ser primer vayven del Cielo;
 Sin jactancia executa su grandesa,
 Su promptitud la logra sin desvelo;
 Y es este Adonis en qualquiera parte
 Sabio sin prefuncion, galan sin arte.

34.



U trato es docil, tal su cortesia,
 Que al ver comunicarle sus primores,
 La baxesa no estraña a la hidalguia,
 Y los fiervos no temen los Señores;
 Su vista alegre, eterna su alegria,
 Blanda su voz, sus obras superiores,
 Solo faltava a un Joven tan discreto
 Tener Amor, para quedar perfecto.

35.



Y, Madre, se fugeta al laço fuerte,
 Donde la voluntad presa, y asida,
 Apenas sabe desfatar la muerte
 El ñudo ciego, que enlaço la vida;
 Oy de Hymeneo, con dichosa fuerte
 A la coyunda Amante se combida,
 Y oy a las fuerças del impulso mio
 La voluntad renuncia el alvedrio.

A

36.



Tan dichoso celebre Hymeneo
 Affista, ô dulce Madre, tu grandesa,
 Como Diosa enriquece este Trofeo,
 Como Estrella ilumina esta finesa;
 A tan Amante, a tan supremo empleo
 Es bien que affista, ô Venus, tu bellefa,
 Si entre tan bellos claros arreboles
 Luze una Estrella, donde estan dós Soles.

○ 37.



SSI dixo el Amor; y Venus bella
 Su voz escucha, y su carroça mueve,
 Obedeciendo a los preceptos della
 De blancos cisnes la volante nieve;
 Bien como exhalacion la hermosa Estrella
 Haze en lo apresurado el curso breve,
 Discurriendo por essa esfera errante,
 Campos de luz, estradas de diamante.

38.



A X A a la tierra la Divina Diosa
 Que en su fertil regaço la recibe,
 Bien como Estrella felizmente hermosa,
 Por quien el vulgo de las flores vive:
 Vè la abrazada, la purpurea Rosa
 En quien memorias de su Amante escribe,
 Y entra gallarda en un Pensil Hybleo,
 Donde el concurso affiste al Hymeneo.

C

Apenas

39.



A P E N A S vieron fu Beldad las flores
 En la hermosa Republica de Flora,
 Quando a beber llegaron esplendores,
 Como fuelen al llanto de la Aurora;
 Aplausos le cantàran ruy señores
 En su amorosa musica sonora,
 Y de las bellas crystalinas fuentes
 Corrieron a buscarla las corrientes.

40.



E N T R O la Diosa en un Jardin hermoso,
 Donde el Amor astuto, y entendido
 Un labirinto fabricò ingenioso,
 Que Amor es labirinto del sentido:
 Para el Galan, para el discreto Esposo
 Amor otro tenia prevenido,
 De donde era impossible, que saliera,
 Aunque màs hilos la razon le diera.

41.



E N el un Trono estava de centellas,
 Colocando a dos celebres Amantes,
 Que en su hermosa Republica de Estrellas
 Parece Cielo en rayos radiantes:
 Venus, que viò tantas Deidades bellas,
 Quedò suspenfa a luzes fulminantes,
 Pensando Apolo, con temor bizarro,
 Que otro Faeton le governava el Carro.

EI

42.

EL concurso ilustrado de Noblesas
Iba passando de una, en otra sala,
Y la Nobia assistida de Bellesas
Dava al brio licion, y arte a la gala:
De Silveira, y Meneses las empresas
En una accion oy la fortuna iguala,
Engastando la fuerte venturosa
A su Anillo la piedra màs preciosa.

43.

AS virtudes morales reverente
Culto le dan, las fuyas contemplando,
El tiempo pasma, y la fortuna fiente
Parar su rueda a todos admirando:
La Ciencia se llegó primeramente,
Y quando al Joven yà se iva postrando,
El la mano le diò; grave excelencia
Es de un Señor el levantar la Ciencia.

44.

Hermosura a la Ninfa soberana
Postrada la aclamò, jurò rendida,
Y ella ni entonces la estimò de vana,
Ni tan poco la hajò de presumida:
Antes siempre discreta, y cortefana,
Antes siempre prudente, y entendida
Un medio diò, con que dexar procura
Bienquista la Prudencia, y la Hermosura.

Cij

La

45.



A Nobleza dudava a qual primero
 Llegar devia en sus adoraciones,
 Si al feliz, si al discreto Cavallero,
 Si a la Deidad, que ilustra sus blazones;
 Hasta que por no errar en lo grossero,
 A los dōs no sep̄ara en dos acciones,
 Pues que los hizo, para serlo en una,
 Iguales el Amor, y la fortuna.

46.



Legò a sus pies tan timido el Respeto,
 Que al dar un parabien quedò turbado,
 Poco deve a su voz, mas es discreto,
 Y acierta entre lo breve, y ponderado:
 A media relacion de su concepto
 Fiò su explicacion de su cuidado,
 Porque es, sin profanar la voz el labio,
 Frazze el silencio con que calla el Sabio.

47.



A Grandesa adornada de Señora
 Llegò a sus pies con grave rendimiento,
 Bolviòse admiracion, viendo-se aora
 Excedida en su proprio pensamiento:
 Severa la recibe aquella Aurora,
 Que al mismo Sol diò tanto lucimiento
 Sin que le muestre agrado su Belleza,
 Que fino es fuya, ignora otra Grandesa.

La

48.

LA Edad llegava sola, y fatigada,
 Y viendo a los Amantes venturosos,
 Suspenfa se quedò, quedò parada,
 Que no corre la Edad en los dichosos ;
 Y assi de tantas dichas admirada,
 Como mira lograr en dos Esposos,
 Confiessa, que jamàs, como este dia,
 Tal gufio viò la Edad, tanta alegria.

49.

EL Tiempo de suspenfo, y de admirado
 Estava un poco a tanta luz atento,
 Notando el Tiempo al tiempo anticipado,
 Y antes de tiempo tanto entendimiento:
 Passò pues sin sentirse apresurado,
 Como fuele en su proprio movimiento;
 Mostrando en el passar tan brevemente,
 Que el Tiempo de las dichas no se siente.

50.

ASS I llegaron todos reverentes
 A darle el parabien de su ventura
 Con amantes afectos obedientes
 Al imperio feliz de su Hermosura:
 Y la lisonja, que es de las serpientes
 El Aspid, que en las flores se assegura,
 Quiso entrar al hallar la puerta abierta,
 Mas la Cordura le cerrò la puerta.

La

51.

LA Discricion entonces, que postrera
 Quedò por su opinion, y por su estado,
 Aquella luz del alma verdadera,
 Que ilustra la rason, que vence el hado;
 Viendo en silencio la brillante Esfera,
 Donde Hymeneo estava colocado,
 Assi prorrumpo, y al primer concepto
 Toda atencion se ofrece a lo discreto.

52.

A DONIS bello, a quien naturaleza
 Dotò de raros celebres primores,
 Pera que merecieses la Belleza,
 Que a los Cielos dà luz, y al campo flores:
 Grandes triunfos consigue tu Nobleza,
 Grandes lauros merecen tus Amores,
 Solo pudo poner tu estrella pura
 Junto el Merecimiento a la Ventura.

53.

YTu, Señora, hechizo soberano
 Del coraçon de tu adorado Esposo,
 Pues al descuido de un mirar ufano
 De estar fugeto, se llamò dichofo:
 Mucho puede el empleo de tu mano,
 Mucho obliga al Amor tu rostro hermoso,
 Solo pudo tu rara Gentileza
 Vincular la fortuna a la belleza.

Tu

54.



U casto laço ha sido el màs perfeto,
 Que el Mundo viò de sangre generosa,
 Pues escogiste el Dueño màs discreto,
 Y el elegiò la Dama màs Hermosa:
 Tu hiziste un noble altissimo concepto,
 El logrò la eleccion màs venturosa,
 Y assi a los dos en tan dichoso empleo
 La Fortuna llegò, donde el desseo.

55.



MAS no fue mucho, ô Ninfa soberana,
 Si a tu gentil feliz merecimiento
 No huviera presuncion tan loca, y vana,
 Que no passasse a errado atrevimiento:
 Solo este Joven, que tus gracias gana
 Pudo con causa conseguir su intento,
 Que fino es el, que ya nasciò a quererte,
 Nadie en el Mundo pudo merecerte.

56.



E A preciso este feliz empleo
 Destinado por alta Omnipotencia;
 Y aunque puso tu Esposo su desseo,
 Braço supremo obrò la diligencia:
 Venir del Cielo con mysterio veo
 Esta Union en su Divina Ciencia,
 Que era fuerza, que accion tan peregrina
 Tuviesse siempre aciertos de Divina.

No

57.

NO fue acaso, mysterio prodigioso
 Tal nudo fue con soberano afecto,
 Para que vea el Mundo, que lo hermoso
 Se casa de una vez con lo Discreto :
 Destierrese el concepto ignominioso
 De tener a lo Bello en tal concepto ;
 Pues pudo prodigiosa una finesa
 Unir la Discricion a la bellefa.

58.

MA S quien, fino un Joven peregrino,
 Que al merecer tan venturoso empleo,
 Parece, que ha guiado su destino
 Por la senda adonde iba su deseo :
 El Amor, y Fortuna, en un camino
 Trocar las flechas con la rueda veo ;
 Mas en esta ocasion siempre importuna
 Tuvo el Amor imperios de Fortuna.

59.

NICO fue su gran merecimiento,
 Y unica fue la Union del Joven raro,
 Parece que dictò su entendimiento
 Su amante empleo por altivo , y claro :
 Subiò la fuerte adonde el pensamiento,
 Que supo ser en el Amor preclaro,
 Que de su Noble aliento yo creyera
 Si ay màs imaginar, que màs quisiera.

60.



Su incendio dedica aun màs afecto,
 Que hà tributado en el Castalio Coro,
 Siendo assi mismo superior concepto
 De quanto infunde esse Planeta de oro:
 Y oy màs que nunca Amante, oy màs discreto,
 Observando las leyes del decoro,
 Porque todo a su dueño sean despojos,
 Pone los màs sentidos en los ojos.

61.



O discurre, que el noble entendimento
 En esta siempre de su Amor conquista
 Subiò a los ojos de mirar sediento,
 Y solo sabe discurrir su vista;
 En ella tressadò su pensamiento,
 Y quanto màs en su memoria alista,
 Y sin poner a los sentidos mengua,
 Busca el Alma los ojos para lengua.

62.



Quantas flores de su tronco altivo
 Felicemente le promete el Hado!
 O quanto fructo espera suceffivo
 El Arbol de su estirpe coronado!
 Màs que no Estrellas el celeste Archivo,
 Màs que no flores el alegre prado
 Tendrà de un laço tantas luzes bellas,
 Que nascan flores, para fer Estrellas.

D

La

63.

LA juventud de sus floridos años
 Passará siempre venturosamente,
 Si honesto Amor le libra a los engaños
 Del deshonesto Amor, que obliga, y miente:
 Y quando yà la edad los desengaños
 Escriva en blancas hojas a su frente,
 Serà a su Heroyco Padre sustituto,
 Regiendo Sabio, y governando astuto.

64.

YPues el Cielo a laço tan conitante
 Destinò de su sacra Gerarchia,
 El permita, que dure siempre Amante
 En quanto alumbre el esplendor del Dia:
 Porque esta Sucession tanto adelante
 Passe, aumentando siempre su Hidalguia,
 Que fea a sus alientos sin segundos
 Poco espacio la esfera de mil Mundos.

65.

VIVE pues, sin temer aduersos daños,
 Joven feliz; y de tu edad dichosa
 Paren suspensos a admirar los años
 Laço tan noble, Union tan venturosa:
 Vive logrando gustos tan estraños
 Entre los braços de tu amada Esposa,
 Tantos gyros del Sol, que dude el dia
 Si es su curso costumbre, ò si porfia.

Dixo

66.

DIXO la Discricion : quando alterado
 El sacro Consistorio de Hymeneo,
 El Prognostico aprueba acreditado,
 Antes que en el suceſſo, en el deſeo :
 Y ya llegado el tiempo destinado
 De conſeguirſe tan dichoſo empleo,
 Las manos dan, ſintiendo el Joven luego,
 Tocar la nieve, y abrazarſe en fuego.

67.

YA las carroças aguardando ufanas
 Eſtavan, por llevaren ſin deſdoro
 Luzes màs bellas, que en eſferas vanas
 El Sòl eſparce en ſu carrera de oro :
 Salen pues las Eſtrellas ſoberanas,
 Y en ellas van con arte, y con decoro,
 Que en dia al fin de tantas luzes bellas,
 Rodar quieren el mundo las Eſtrellas.

68.

LOS dos Luzeros, donde ſe mejora
 Apolo en ſu primero lucimiento,
 Vienen al coche ; y la eſtacion de Flora
 Dexan ſin luz, ſin vida, y ſin aliento ;
 Entra primero la gallarda Aurora,
 Deſpues ſu Eſpoſo, a ſu primor atento ;
 Y es la carroça, ſin temer deſmayos,
 Coche del Sol, y eſfera de ſus rayos.

Dij

Los

69.

LO Sojos, que domina su Hermosura
 En el breve discurso del camino,
 El encuentro conocen por ventura,
 Y el acaño respetan por destino:
 La admiracion en todos se assegura,
 El gusto se repite de continuo,
 El deseo de ver nunca se cança,
 Y solo siempre es corta la alabança.

70.

DE un bosque umbroso salen al encuentro
 Musas, y Gracias en farao formado,
 Unas buscando su ingenioso centro,
 Y otras dando más lustre a su cuidado:
 Ya sus mudanças salen desde adentro,
 Un coro, y otro en una union mesclado,
 Que bien pudiera hallarse por desgracia
 Musa sin dicha, pero no sin gracia.

71.

SU ayroso gallardo movimiento
 Suspenso mira un caudaloso rio,
 Hoja no tuerce el lisongero viento,
 Mientras se mueve el aura de su brio;
 Y hiriendo el ayre su sonoro acento,
 Con dulce metro, y grave señorío
 Llegan al grande superior Palacio,
 Que Amor ardiente no camina a espacio.

Yaze

125

72.

YA Z E fu Alcaçar siempre sumptuoso
 Al pie de un monte desse Cielo Atlante,
 En fabricas, y salas Magestofo,
 Y en pinturas, y estatuas elegante:
 Sobre columnas sustentò famoso
 La fabrica de piedras arrogante,
 Cuyo supremo, y unico artificio
 Haze inmortal el celebre Edificio.

73.

EA M O S A entrada ofrece a sus salones,
 Ancha escalera, que el camino guia,
 Y en el techo pintados los blazones
 De tan suprema, y rara Gerarchia;
 Antes de entrar a ver sus escalones,
 Brinda a la sed ardiente fuente fria,
 Que al ver en su Palacio tal ventura,
 Màs su crystal aplaude, que murmura.

74.

QU A N T O en sus minas Potosi dilata,
 Y quanto Italia en sus guzanos cria,
 Todo a su adorno se tributa en plata,
 Y por sus pompas en carmin se fia:
 Quanto el pincel màs celebre retrata,
 Quanto el cinzel con grave symetria
 Labra, todo domina tanto ornato,
 Que a su grandesa sirve de retrato.

De

75.

DE arte ingeniosa, y rara en un passeio
 Las piedras formar saben la pintura,
 Flores de azero logran el trofeo,
 De que dure perpetua su hermosura;
 Y en otro quarto más terrestre veo
 Bruta con arte, hermosa Peña dura,
 Por cuya siempre celebrada peña
 Timida el agua huye, y se despeña.

76.

DE aqui segura a la estacion de Flora,
 O a un hermoso jardin, donde se cria
 La olorosa familia del Aurora,
 Que un Sol le alienta, y le caduca un dia;
 Y donde su estacion más se mejora
 Fabrica bella de una fuente fria
 Se erige, a cuyo assumpto al arte raro
 Roma cinzeles diò, marmoles Paro.

77.

NEPTUNO assiste en jaspes reverente
 Sobre la concha de la Fuente rara,
 Esgrimiendo en las manos el Tridente,
 Con que las furias ya del mar paràra;
 Y más estima ser de aquella Fuente
 Señor, si en su artificio se repara,
 Que ser en sus poderes singulares
 Quien rige en ondas, quien gobierna en mares.

Ra-

78.

RAMILLETES el agua ofrece al viento
 Con exercicio yà de Primavera,
 Cuyo ligero, y claro movimiento
 Sube a apagar las luzes ala esfera;
 Si la tierra le pide al Cielo aliento,
 Quando en sus nubes su cristal espera,
 Yà en parte satisfaze su desvelo,
 Pues cristal puro restituye al Cielo.

79.

COPIOSA Red, es carcel ingeniosa
 De tantos siempre alados boladores,
 A quien naturaleza mysteriosa
 Arma de pico, adorna de colores;
 Fuente distila, apenas lacrimosa
 A su alimento liquidos sudores,
 Que es bien, pues que padecen en cadenas,
 Que beba llanto quien sustentan penas.

80.

CURIOSO abrigo les ofrece el arte,
 Breve Palacio, y cortas estaciones,
 Que en diferentes salas se reparte
 Ornadas de varandas, y balcones;
 Y en su màs honda, y màs remota parte,
 Porque mitiguen màs sus aficiones,
 Por bucaros ofrece dulcemente,
 La Fuente conchas, y cristal la Fuente.

De

81.

DE larga fenda, engaños crystalinos
 Son los remates con estatuas bellas,
 Arboles, que aventajan a los pinos,
 Llevan su fructo hermoso alas Estrellas;
 Sus portales de marmoles son dignos,
 De que la edad, que se decifra en ellas
 Admire en su suprema arquitectura
 La duracion unida a la hermosura.

82.

LEGAN con este fausto al sumptuoso
 Palacio, cortamente ponderado,
 Oy más q̄ siempre, oy más q̄ nunca hermoso
 De tan sublimes Astros ilustrado;
 Para el cuydado en el lugar dichoso,
 Donde mira sus dichas el cuydado,
 Y la esperança en tan dichoso empleo
 Lucha con el decoro, y el deseo.

83.

EN su salon le aguardan las Deidades
 Para un festin, que a su merecimiento
 Baxa el Cielo a la tierra, y novedades
 Admira la rason, forma el contento;
 Confundan-se los figlos, las edades,
 Pasmen en tan felice casamiento;
 Pues sabe hazer Amor en su memoria
 La tierra Cielo, en tan amante gloria.

84.



EL Dios Amante en Aguila fingido
 Por Aferia, que en ave imita el buelo,
 En blanco hermoso cisne convertido,
 Que tanto el Dios de amor se atreve al Cielo;
 Que en lluvia de metal, que repetido
 Es de la vida singular desvelo,
 En los braços cayò de una bellefa;
 Tanto estraga al recato la riqueza.

85.



EL que gobierna el Reyno crystalino
 Sugeto a sus crueles movimientos,
 Esposo de Anfitrite, que al marino
 Delfin, el logro deve a sus intentos;
 Con el hermano viene, y al benigno
 Joven, que admira en sus merecimientos,
 Posttran, mirando tantas luzes bellas,
 Uno sus conchas, y otro sus Estrellas.

86.



EGUIOSE el singular Pastor de Admeto,
 Que de los altos Cielos desterrado,
 Muestra a Climene un abrazado afecto,
 Para que fuese el mundo el abrazado;
 Y contemplando al Joven tan discreto,
 Suspenso un poco, un poco aficionado,
 En el conoce toda su excelencia,
 Pues vè la luz, al admirar la Ciencia.

E

Y

87.



L que fue raramente concebido
 Por una flor en su feliz olfato,
 Padre del ciego Dios, d'esse Cupido,
 Benigno al mal, al beneficio ingrato;
 Como suele, venia enfurecido,
 Y al ver de Amor tan celebre aparato,
 Dimite el Dios guerrero sus alientos,
 Donde son las victorias rendimientos.

88.



L que Juno a sus pechos alimenta,
 Y de la leche sacra, que despide,
 Porque su padre su Deidad intenta
 La Via Lactea, essas esferas mide;
 El Dios, que las Ciencias representa,
 Al Joven bello su favor le pide,
 Mostrando en esta accion, que es tan discreta,
 Que la Ciencia a este Joven se fugeta.

89.



ULTITUD grande assiste de inferiores
 Dioses, que no relato, a gusto tanto
 Al llegar las Deidades, que esplendores
 Visten de luz, en el celeste manto;
 La Diofa, que assistiò de los amores
 A aquesta accion, con tan sagrado espanto
 Recibe tanta compania bella,
 Porque al Sol los conduzga hermosa Estrella.

La

90.

LA hermosa Juno, que la Diosa cria
 Madre de Aquiles, llega la primera,
 De Estrellas, de luferos se vestia,
 Como Reyna feliz de tanta esfera;
 Y como aquesta accion le competia,
 Por haver sido ya casamentera,
 Iris no manda, porque a tal Aurora
 Quiere ser de si misma Embaxadora.

91.

LE G O' Minerva, aquella rara Diosa,
 Que de Jupiter grave inteligencia
 Saliò de la cabeça mysteriosa;
 Que tanto de Deidad tiene la Ciencia:
 Y viendo tanta Estrella prodigiosa,
 Donde se vinculò tanta excelencia,
 Su culto a su respecto le reserva,
 Si tanta Palas vè, tanta Minerva.

92.

LA hermosa, la divina Caçadora,
 Que a los requiebros del Pastor rendido
 Baxa a la tierra a tiempo, que la Aurora
 A Apolo en braços tiene adormecido:
 Llega a los pies desta gentil Señora,
 Y como es Luna, aumenta lo lufido,
 Pues mendigando siempre su fortuna,
 Rayos del Sol son luzes de la Luna.

E ij

La

93.

LA hermosa Flora, a quien festeja amante
 Zefiro blando, que las flores mueve,
 Que alienta siempre al movimiento errante
 De un dulce suspirar, de un soplo breve:
 Llegò con Amalthea, y al instante
 Las dos rendidas a los pies de nieve,
 Postran las flores, que para esta esfera
 Criò con ambicion la Primavera.

94.

EN T R E Dioses, y Diosas dulcemente
 Un farao se texiò, cuyo suave
 Sagrado movimiento reverente
 A un mismo tiempo fue sonoro, y grave:
 Cupido, que assistia diligente,
 Servir contento en las mudanças sabe,
 Que para mejorar en esperanças
 No estraña Amor a veces las mudanças.

95.

YA el Sol huya a antipoda distante,
 Dexando su esplendor entre desmayos,
 Y su rayo divino, y vacilante
 Solo dexava macilentos rayos:
 Lo que fue en su carrera luz flamante,
 Apenas era de su ardor enfayos,
 Dexando solo de sus luzes bellas
 Esplendor mendigado a las Estrellas.

La

96.

LA negra Noche su nocturno manto
 Dilatar quiso en todo el orizonte,
 Y entre los ojos con confuso espanto
 Perdiò su cuerpo de gigante el monte:
 La sombra vana fue creciendo tanto,
 Que sin temer exemplos de Faetonte,
 Quiso al Cielo llegar, y tanto fube,
 Que empeçando en vapor, acaba en nube.

97.

HUYEN las Aves al nocturno amparo,
 Temen las Flores el postrer aliento,
 La Estrella hermosa en su zenit màs claro,
 Antorcha alumbra al grande Firmamento;
 Naturaleza en un silencio raro
 Escaço dexa en un respirante acento,
 Y la vida suspenfa en un beleño
 Respira apenas a merced del sueño.

98.

MAQUINANSE en la sombra los engaños,
 Y con la capa de la noche fria
 Irado el odio intenta graves daños,
 Mientras la sombra no obedece al dia;
 Morfeo de suceffos màs estraños
 Sabe llenar la humana fantasia,
 Y intentan sus delictos amorosos
 Todos los atrevidos, y dichosos.

Au-

99.


 Usentò-se el Celeste Consistorio;
 Y tambien se ausentaron juntamente
 Los que al feliz asisten desposorio,
 Que cuente larga edad, que siglos cuente:
 Y tanto sea su vivir notorio,
 Tanto su dicha con su Amor se aumente,
 Que no pueda a vivir tan fin segundo
 Contarlo el tiempo, ni imitarlo el mundo.

100.


 Vòs Joven feliz, que al rudo Pletro
 Favor le disteis, le infundisteis brio,
 Agradeced el tosco humilde metro,
 Con que os aplaude el corto ingenio mio;
 Que si permite el soberano cetro
 La suceffion, de mis deseos fio,
 Que nuevo metro os dè, nueva Poesia
 Culta si aunque Bucolica Thalia.

F I N.